

Veja

7/9/1988

Ambiente

Um decreto de fogo

Quércia proíbe as queimadas em São Paulo, mas os usineiros continuam incendiando seus canaviais

O governador de São Paulo, Orestes Quércia, tentou acabar na semana passada com uma destrutiva prática ancestral da agricultura de seu Estado, as queimadas, com que o homem do campo procura regenerar o solo cultivado ao final das colheitas. Assustado com os rigores da seca e o espectro de incêndios gigantescos provocados por queimadas que saltem de seus limites e atinjam florestas, Quércia resolveu revogá-las por decreto. Menos de 48 horas depois de publicado, no entanto, o decreto do governador esbarrou numa dura resistência, colocada especialmente pelos plantadores de cana-de-açúcar. Com seus 2 milhões de hectares plantados, donos da maior força agrícola do Estado, os usineiros acostumaram-se à comodidade das queimadas tanto quanto seus bisavós dependiam dos escravos para tocar seus negócios. Tendo o secretário de Agricultura do Estado, Antonio Tidei de Lima, como advogado, os usineiros conseguiram, pelo menos para sua cultura, adiar por 45 dias a entrada em vigor do decreto. "Esse prazo é o mínimo que os agricultores precisam para tomar fôlego e tentar encontrar uma solução", disse Lima. Pouco antes de perderem a mão-de-obra escrava no século passado, os grandes fazendeiros também alardeavam a impossibilidade de a economia se sustentar sem o suor africano. Os usineiros garantem agora que sem as queimadas seu negócio se inviabilizaria. "As usinas que obedecerem a esse decreto vão acabar falindo", prevê Nelson Ometto, diretor da Usina Iracema, em Piracicaba, interior paulista, cujo sobrenome domina o setor canavieiro no sul do país. "Os cortadores de cana vão se recusar a trabalhar com a cana crua, sem queimar, e não temos máquinas nem tecnologia para fazer a colheita mecânica." Nas plantações de cana as queimadas são utilizadas para destruir as folhagens de vegetal e, assim, facilitar o corte. A folha de cana pode cortar como uma faca afiada e agredir homens e animais.

SÓ PROJETOS — "Os bóias-frias ganham 280 cruzados por tonelada de cana colhida depois das queimadas e poderiam ganhar até 400 pela mesma tonelada de cana crua, mas certamente teriam prejuízo", diz José Tadeu Fischer, técnico da Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental (Cetesb), em Piracicaba. "Em um dia é possível colher até 5 toneladas de cana queimada, mas apenas 1 tonelada da cana ao natural." De imediato, caso sejam forçados a interromper mesmo as queimadas no ano que vem — o fogo só é ateado nos seis meses da colheita, que vão de maio a novembro —, os usineiros terão seus custos de produção multiplicados. A rigor, a única saída a curto prazo é a mecanização intensa dos canaviais. O único país do mundo que adota a mecanização é a Austrália, mas as chances de adaptar as máquinas daquele país ao terreno e à cana brasileiros são pequenas. "Só agora começamos a estudar a tecnologia dessas máquinas no Brasil", diz Ometto, que emprega 3 000 cortadores de cana na Usina Iracema, responsável por 140 toneladas de cana por semana, a quarta maior produção individual do país.

"O mais provável é que continuemos com as queimadas", diz Lívio Barraquelo, diretor da Usina Santa Helena, também de Piracicaba. "Não podemos fechar, mas até que podemos pagar as multas." O decreto governamental prevê punições de acordo com o Código Florestal e vai cobrar 200 OTN (478 400 cruzados) cada vez que um fiscal flagrar uma queimada. "Prefiro a multa à falência", concorda Ometto. Sem máquinas, o mais certo é que nada deterá as queimadas nos canaviais. O Centro Tecnológico da Copersucar, que congrega os maiores

usineiros do país, debruçou-se sobre o problema do fogo nas plantações. Surgiram dois projetos desse esforço. O primeiro é um protótipo de máquina colheitadeira que tem prazo de seis anos para sair do papel e entrar numa linha de montagem. "Mesmo assim há determinadas áreas onde a máquina não poderá chegar, e a solução continuará sendo as queimadas", diz Manuel Sobral Júnior, gerente-geral do Centro Tecnológico.

SOLO FÉRTIL — O segundo e mais ambicioso projeto prevê a melhoria genética da própria cana. "No Havaí já se planta um tipo de cana que se desfolha sozinha, mas não tão completamente que dispense a queimada", diz Sobral Júnior. O pesquisador prevê que os trabalhos de cruzamento para obtenção da cana auto-desfolhável ainda vão consumir muitos anos — mais tempo ainda do que será gasto na construção da máquina colheitadeira. "As tecnologias de aprimoramento genético são caras e não sei como o pequeno produtor terá acesso a seus benefícios", diz ele. "As queimadas ainda são o motor da agricultura canavieira. "Uma outra proposta do Centro Tecnológico dos Usineiros foi recusada pela Cetesb pelo seu caráter meramente paliativo. Os usineiros propuseram à Cetesb a instalação de um sistema de controle de direção do vento, de forma que só se tocasse fogo ao canavial quando as lufadas soprassem em direções contrárias às cidades. "Isso não daria resultado, pois muitas vezes o fogo bate às portas das cidades", diz Nivaldo Zacharias, técnico da Cetesb. "Alguns canaviais são cercados por centros urbanos de todos os lados e eles sempre sofreriam com a fumaça."

Antigo inimigo do fogo na agricultura e estudioso das queimadas no cerrado brasileiro, o biólogo e ecólogo paulista Leopoldo Magno Coutinho, da Universidade de São Paulo, acha que o decreto precisa ser obedecido. "Tem que haver fiscalização", diz Coutinho. "Não acredito quando os usineiros dizem que vai haver desemprego em massa no campo. No passado a cana era colhida toda manualmente sem fogo e empregava um contingente de pessoas ainda maior." Segundo Coutinho, a justificativa para o fogo é a mesma levantada no passado para manter a escravidão: o custo dos novos processos. "Queimar sai mais barato do que pagar por mais trabalhadores", diz o biólogo. Segundo ele, a queima da palha de cana, no fundo, é uma enorme incoerência. "A fumaça que se desprende é aparte mineral que estava contida na folha e que a planta retirou do solo", explica. "Se em vez de ser queimada depois da colheita ela fosse misturada à terra, o solo ficaria mais fértil."

AMAZÔNIA — Quando chega a temporada da seca, todo o país sofre com as queimadas. Ainda na semana passada, por exemplo, os bombeiros lutavam para salvar o que restou da área verde em torno de Belo Horizonte. Os bombeiros calculam que só no mês de agosto a região metropolitana da capital mineira perdeu 2 milhões de metros quadrados de área verde. Não chove há quase 100 dias naquela região do Estado e o risco de incêndios cresce a cada dia. Em Cuiabá, Mato Grosso, há dias o sol está encoberto pelo denso nevoeiro provocado pelas queimadas. A visibilidade nos aeroportos da região cai tanto nessa época do ano que os vôos sofrem atrasos médios de até 5 horas. Nada se compara, no entanto, ao panorama na Amazônia, especialmente nos pontos da floresta ocupados por projetos de colonização. Segundo dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), as queimadas na Amazônia jogaram na atmosfera somente no ano passado 500 milhões de toneladas de gases poluentes.

Arte:

Fogueiras em potencial

Área de plantio de cana-de-açúcar em São Paulo: 2 milhões de hectares

(Páginas 78 e 79)